

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: **CLAUDER ARCANJO**

OS *SINOS* DE TODAS AS HORAS

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil - (Brasília-DF)
veraluciaoliveira@hotmail.com



“Outros sinos
Sinos
Quantos sinos”
(Manuel Bandeira)

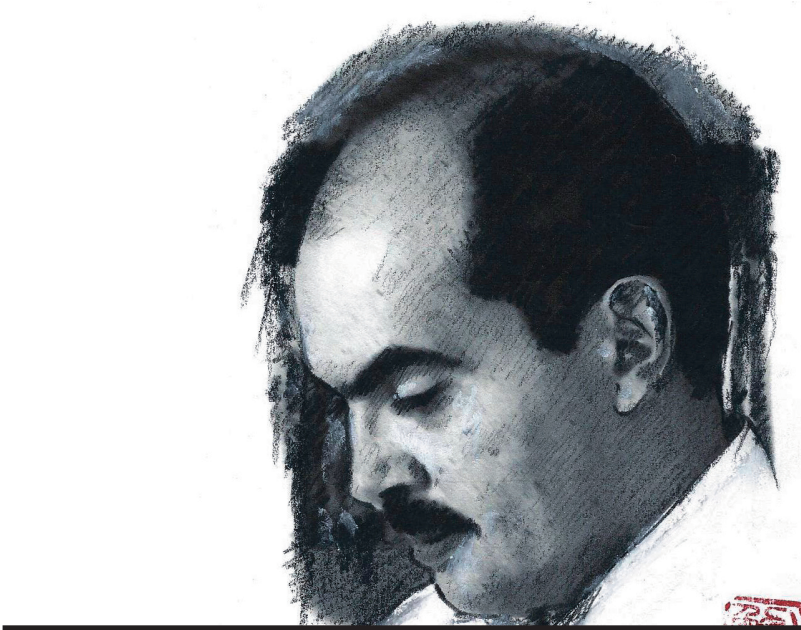
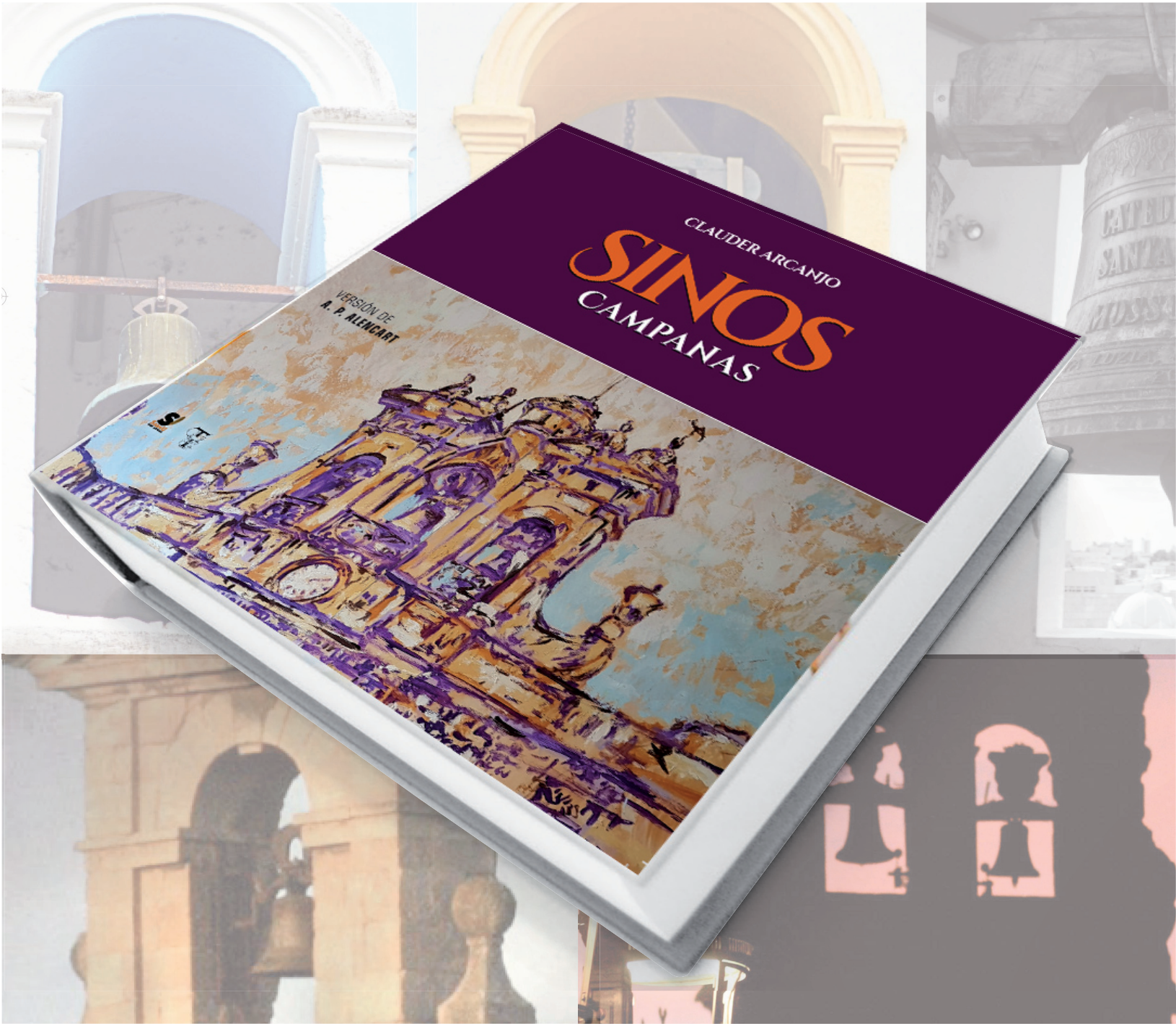
Por quem dobram os sinos de Clauder Arcanjo?

Em seu belíssimo livro (bi-
língue) *Sinos / Campanas*
(Mossoró: Sarau das Letras,
2010, tradução para o espanhol
de Alfredo Pérez Alencart), os
sinos de Clauder Arcanjo, co-
mo um livro das horas, dobram
dia e noite. Dobram por todos
e por tudo. Dobram pelos Pri-
meiros: “Nem se sabe de onde
vieram/ Dependurados na ma-
nhã fria”, sinos cheios de Es-
panto pela partida, pela dor
maior; sinos “ofendidos pela
violência da noite” calaram-se
“na manhã rubra de vergonha”;
sinos da Terra: “Que chamam
os distantes, ao tempo em que
abençoam / A crisma e o batis-
mo dos que, por ela, foram ado-
tados.”

Os sinos de Clauder Arcanjo,
que tem anjo no nome, fazem
jus às belíssimas palavras de
apresentação do sacerdote es-
panhol Fructuoso Mangas Ra-
mos, que também saboreou os
versos do poeta:

Os sinos de Clauder,
tangidos por anjos de
primeira classe, segun-
do revela seu sobreno-
me, me tocam onde me
dói. Tenho a pele de mi-
nha vida cheia de sinais
dos toques dos sinos.
Por isso, aí me dói.

E dói em todos nós. São si-
nos que soam dia e noite, que
não dormem jamais. Mas, por



vezes, silenciam, no seu triste
dobro, chorando por sua gente
sertaneja, pelos que chegam e
pelos que partem. Choram de
saudades. Choram pelo vazio da
hora, pelo abandono. Outros,
os sinos do Ditador, com “sua
fome de sangue” choram pela
“morte da esperança.” Também

os sinos de Luta na noite lá fora.
Outros choram pelos amigos
que se foram, como José Alcides
Pinto. Sinos da agonia. Sinos da
anunciação da dor ou da alegria
e os sinos enigmáticos de estre-
mecar “no castiçal”, “no pede-
stal” e de “estremecer casas e
matagal.” E os teimosos sinos da

Poesia que, “de birra”, emude-
cerão pela morte de “uma crian-
ça no chão do Brasil.”

Os sinos de Clauder Arcan-
jo também repicam de alegria
pelo mês de maio, pelos amigos,
como Edmilson Caminha, cujo
ofício é a palavra; sinos de sol e
sinos ao vento “nas casas da mi-
nha província”, lembrando, por
vezes, a delicadeza dos versos
do mestre Bandeira: “Ah meni-
nos sinos / De quando eu meni-
no!” E plangem ao longe em
doloroso dobre, como poetou
Bilac, pelos “(...) espinhos que
trago em mim / Fistulas endu-
recidas / De uma saudade que
não morre / Nem mata, apenas
castiga.” E os sinos de abril “A
repicarem lamentos mil.”

Assim, Clauder Arcanjo nos
dá um livro-presente ricamen-
te ilustrado como o *Livro das
Horas*, para ler nas horas da tris-
teza, da solidão e também da
alegria; um livro de arte para

pôr sobre a mesa da sala de vi-
sitas, para ver e apreciar as ilus-
trações de João Helder e Miguel
Elias, o projeto gráfico de Au-
gusto Paiva e dos fotógrafos
José Amador Martín, Marcão e
Ricardo Chrisóstomo, que nos
fazem ver os sinos das centená-
rias catedrais da Espanha e ou-
vir o badalar de sinos de anta-
nho... Tudo no livro se harmo-
niza, se complementa: palavras
e imagens nos enchem de poe-
sia e encantamento, nos emo-
cionam nos momentos graves
e nos de leveza e suavidade. Os
Sinos / Campanas, de Clauder
Arcanjo, plangem ao longe en-
chendo de música os nossos
ouvidos e de humanidade a
nossa alma.

Levem, sinos de ventos, de
Santana do Acaraú a Salaman-
ca, pelas velas, os cantos doces
do mar que as unem e separam.
E que “dobrem os sinos / Pela
vida concedida.”